

FICHA TÉCNICA

Título original: *Did I Mention I Miss You?*

Autora: *Estelle Maskame*

Copyright © Estelle Maskame 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria Eduarda Colares*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 448 914/18

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2019

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

1

A água está fria, mas isso não me impede de entrar nela, só até aos tornozelos. Tenho os *Converse* na mão, com os atacadores enrolados nos dedos, e está a levantar-se vento, como é habitual. Está muito escuro para distinguir ao longe, por sobre as ondas baixas, mas ouço o oceano, que bate e rola à minha volta, fazendo-me por momentos esquecer que não estou sozinha. Chega também até mim o som de fogo de artifício, de risos e vozes, de festejos e alegria. Quase esqueço, só por um segundo, que é o 4 de Julho.

Uma rapariga passa por mim, a correr, os pés a chapinhar na água, interrompendo a ondulação calma e suave. Vem um tipo a persegui-la. Namorado, provavelmente. Acidentalmente, salpica-me, ao passar, rindo alto, até que alcança a rapariga e aperta-a contra ele. Estou a ranger os dentes, sem me aperceber, e enrolo com mais força os atacadores nos dedos. Eles são mais ou menos da minha idade, mas nunca os vi. Provavelmente vêm de fora, de alguma cidade vizinha, para celebrar segundo a tradição o 4 de Julho em Santa Monica. Não sei porquê. O 4 de Julho, aqui, não é nada de espetacular. O fogo de artifício é proibido, o que é a segunda maior lei de merda que vi em toda a minha vida, logo a seguir à que proíbe o abastecimento de gasolina no Oregon. Portanto, não há fogo de artifício, a não ser os de Marina del Rey para o Sul e Pacific Palisades para o Norte, que são visíveis daqui. Passa pouco das nove da noite, pelo que os dois espetáculos estão mesmo a começar. As cores iluminam o céu à distância, pequenas e fora de foco, mas são o suficiente para satisfazer os turistas e os habitantes locais.

O casal está agora a beijar-se, os pés na água, no escuro sob as luzes do Pacific Park. Desvio o olhar. Começo a afastar-me vagarosamente do cais, ao longo do oceano Pacífico, distanciando-me de toda a agitação do 4 de Julho. A multidão é muito mais densa no cais. Aqui em baixo, na praia,

não está tão cheio, o que permite respirar melhor. Este ano, não estou a sentir toda a emoção do Dia da Independência. Há muitas lembranças ligadas a este dia que eu não quero reavivar, por isso continuo a andar, afastando-me cada vez mais ao longo da costa.

Só paro quando a Rachael chama pelo meu nome. Até então, eu tinha-me esquecido de que estava à espera que ela voltasse. Mantendo-me com os pés dentro de água, volto-me para encarar a minha melhor amiga, que vem na minha direção, pela areia, meio a pular, meio a correr. Tem uma faixa com a bandeira americana atada à cabeça e traz dois *sundaes*. Já quase há quinze minutos que ela desapareceu para os ir buscar à Soda Jerks, que, como a maioria das lojas ao longo do cais, hoje fica aberta até mais tarde do que o normal.

— Quando lá cheguei, já estavam a fechar — diz a Rachael, quase sem fôlego. O seu rabo de cavalo abana em volta dos seus ombros, quando ela para para me dar o *sundae*, não sem antes lamber um pouco do gelado que lhe escorre pelo dedo indicador.

Saio da água para me juntar a ela, agradecendo-lhe com um sorriso. Tenho estado calada durante toda a noite. Ainda não consigo fingir que estou bem, que estou feliz como toda a gente à minha volta. Pego no *sundae* com a mão livre e continuo a segurar com a outra os meus *Converse* vermelhos — ténis vermelhos é o mais patriótico que consigo hoje — e olho num relance para o gelado. Chama-se *Toboggan Carousel*, em homenagem ao próprio carrossel Toboggan, que fica dentro do Hipódromo de Loeff, no cais. A Soda Jerks fica na esquina. Nas três semanas em que estive em casa, viemos ali buscar gelados várias vezes. Na verdade, nos dias que correm, estou convencida de que paramos mais para comer um gelado do que para tomar um café. É muito mais reconfortante.

— Está toda a gente no cais — lembra a Rachael. — Era bom irmos andando para lá — sugere ela quase a medo, como se estivesse à espera que eu imediatamente a interrompesse e dissesse que não. Baixa os seus olhos azuis para o gelado e sorve rapidamente um grande pedaço. Enquanto ela engole, os meus olhos percorrem, por cima do seu ombro, a distância até ao cais. A Pacific Wheel está a realizar o seu espetáculo anual de 4 de Julho, em que milhares de luzes LED são programadas para exibir sequências de transição de vermelho, azul e branco. O espetáculo começou às oito, ao pôr do Sol. Assistimos por alguns minutos, logo no início, mas tornou-se muito chato num instante. Contendo um suspiro,

percorro com o olhar o paredão. Está superlotado, mas eu não quero pôr ainda mais à prova a paciência da Rachael do que já o fiz, pelo que me apresso a concordar.

Damos meia-volta e atravessamos a praia, abrindo caminho por entre as pessoas que vieram passar o fim de tarde na areia e comendo os nossos *sundaes*, sem palavras, procurando manter em equilíbrio as bandejas descartáveis. Depois de alguns minutos, paro para voltar a calçar os meus *Chucks*.

— Já estiveste com a Meghan?

Levanto os olhos para a Rachael, enquanto acabo de atar os atacadores. — Não, ainda não a vi. — Para ser sincera, devo dizer que não a tenho procurado. Embora a Meghan seja uma velha amiga nossa, é tudo o que ela parece ser agora. Nada mais do que isso. Mas ela também veio passar o verão a casa, portanto a Rachael está a esforçar-se por reunir o nosso antigo trio.

— Vamos acabar por a encontrar — diz ela, e muda de assunto quase imediatamente. — Sabes que dizem que a roda este ano foi programada segundo a batida de uma música dos Daft Punk? — Ela avança na minha frente, rodopiando pela areia e voltando para trás, ao meu encontro. Pega na minha mão livre, puxa-me para si e, com o seu sorriso aberto e deslumbrante, faz-me rodopiar à sua volta. Eu danço um pouco com ela, apesar de não haver música. — Mais um verão, mais um ano.

Afasto-me dela, tomando cuidado para não deixar cair o meu *sundae*, e observo-a. Ela continua a balouçar-se, a dançar ao ritmo de uma qualquer música que está na sua cabeça. Quando ela fecha os olhos e gira de novo, penso nas suas palavras. *Mais um verão, mais um ano*. É o nosso quarto verão como melhores amigas e, apesar de uma pequena precipitação no ano passado, estamos mais próximas do que nunca. Eu não tinha a certeza se ela me perdoaria pelos erros que cometi, mas ela deixou passar, porque havia coisas mais importantes em que se concentrar. Como abastecer-me de gelado e levar-me a viajar pelo estado para me distrair, para me fazer sentir melhor. Tempos desesperados exigem melhores amigos. No entanto, apesar de ter chegado a hora de eu partir para Chicago, onde passei o ano sobrevivendo ao meu primeiro ano de faculdade, ainda permanecemos como melhores amigas. Agora que estou de volta a Santa Monica até setembro, temos meses para sair juntas.

— Estás a atrair uma multidão — digo-lhe. Os cantos dos meus lábios esboçam um sorriso, enquanto os seus olhos se abrem, e ela, com

as suas bochechas muito coradas, olha ao redor. Várias pessoas observam já a sua dança silenciosa.

— Está na hora de nos pormos a andar — suspira ela. Agarra-me pelo pulso e começa a correr. Puxa-me pela praia, levantando a areia sob os nossos pés, enquanto o nosso riso ecoa à nossa volta, como se eu não tivesse outra opção senão fugir com ela. Não corremos para longe: apenas alguns metros, o suficiente para a afastar dos seus espectadores. — Em minha defesa — sopra, ofegante —, somos livres de fazer figura de idiotas no dia 4 de Julho. É um ritual de passagem. Isso enfatiza o facto de sermos uma nação livre. Tu sabes, porque podemos fazer o que quisermos.

Eu gostaria que fosse o caso. Se há algo que aprendi nos meus dezanove anos de vida, é que certamente não podemos fazer o que quisermos. Não podemos abastecer de gasolina a nossa própria viatura. Não podemos disparar fogo de artifício. Não podemos tocar no letreiro de Hollywood. Não podemos invadir propriedade privada. Não podemos beijar os nossos meios-irmãos. Claro, *podemos* fazer essas coisas, mas apenas se formos corajosos o suficiente para enfrentar as consequências.

Reviro os olhos para a Rachael enquanto subimos os degraus até ao cais, com a música do Pacific Park cada vez mais estridente à medida que nos aproximamos. A roda gigante ainda está a piscar em vermelho, azul e branco. O resto do parque de diversões também está iluminado, embora não tão patrioticamente. Estamos a atravessar o estacionamento no alto do cais, esgueirando-nos entre dois carros estacionados demasiado perto um do outro, quando vejo o Jamie. Está com a namorada, a Jen. Já namoram há quase dois anos. Perto da esquina do estacionamento, ele encostou-a à porta do passageiro de um velho e surrado *Chevy*. Estão a beijar-se. Obviamente.

A Rachael também deve tê-los visto, porque faz uma pausa ao meu lado e demora os olhos na cena. — Ouvi dizer que ele é fresco — murmura ela. — É como uma versão loira em miniatura do irmão quando ele tinha essa idade.

Faço um olhar de advertência na direcção dela, quase automaticamente, ao ouvir a menção ao irmão do Jamie, que também é meu meio-irmão.

Não falamos sobre ele. Nunca mencionamos o nome dele. Deixámos de o fazer. A Rachael apercebe-se da rigidez repentina do meu rosto e da crispação da minha expressão e, quando toma consciência do seu erro, emite um rápido pedido de desculpas e, em seguida, comprime a mão sobre a boca.

Relaxando apenas um pouco, olho para o Jamie e a Jen. Continuam enrolados um no outro. Revirando os olhos, atiro com o resto do meu gelado para um caixote do lixo ali ao pé e, aclarando a voz, grito: — Não te esqueças de respirar, Jay!

A Rachael ri baixinho e, de brincadeira, bate no meu ombro. Quando o Jamie olha para cima, com os olhos brilhantes e o cabelo despenteado, levanto a mão e aceno. Ao contrário da Jen, que quase desmaia de vergonha na altura em que me vê, o meu meio-irmão só fica irritado, como sempre faz quando tento falar com ele.

— Vai-te foder, Eden! — grita ele, do outro lado, com a sua voz potente fazendo eco no meio dos carros. Agarra a mão da Jen, vira-se e puxa-a para longe, na direção oposta. Provavelmente tem passado a noite a fazer tudo para evitar o mais possível a Ella, porque quando a única coisa que te interessa é ficares enrolado com a namorada, a última pessoa que tu queres ver é a tua mãe.

— Ele ainda não fala contigo? — pergunta a Rachael quando, por fim, para de rir.

Encolho os ombros e recomeço a andar, enquanto agarro entre os dedos as pontas do cabelo. Agora dá-me mesmo pelos ombros. Cortei no inverno. — Na semana passada ele pediu-me para lhe passar o sal — digo. — Isso conta?

— Não.

— Então acho que ainda não nos falamos.

O Jamie não gosta particularmente de mim. Não por ter dezassete anos e um sério problema de atitude, que surgiu do nada no ano passado, mas porque ainda tem nojo de mim. E do irmão mais velho dele. Ele não suporta nenhum de nós, e não têm conta as vezes que eu tentei convencê-lo de que não há nada com que se preocupar, inutilmente, porque ele recusa-se a acreditar em mim. Nestes casos, ele geralmente foge e atira com as portas pelo caminho. Eu suspiro com frustração quando Rachael e eu chegamos ao paredão, que continua tão cheio como há horas. Há muitos pais com crianças pequenas e muitos cães evitando os carrinhos de bebé. Há muitos casais jovens, como o casal de há pouco na praia, na água. Eu não suporto olhar para nenhum deles. As suas mãos entrelaçadas e sorrisos cúmplices fazem o meu estômago dar um nó. E não é do tipo de nós que criam borboletas, mas dos que doem fisicamente. Hoje, mais do que em qualquer outro dia, e aqui, mais do que em qualquer outro lugar, desprezo todo e qualquer casal que vejo.

A Rachael para passados alguns minutos para conversar com umas raparigas que ela conhece e que foram colegas dela na escola. Lembro-me delas apenas vagamente, anos atrás na escola ou na *promenade*. Não as conheço. No entanto, elas conhecem-me. Agora, toda a gente me conhece. Eu sou *ela*. Eu sou a *tal* Eden. Sou a rapariga para quem se dirigem olhares de repulsa, a rapariga que é alvo de desprezo e risos onde quer que se encontre. É exatamente o que está a acontecer agora. Por muito que eu me esforce por tentar dirigir a essas raparigas um sorriso caloroso, ele nunca será retribuído. Lançam-me as duas um olhar penetrante pelo canto do olho e depois desviam-se de mim, aproximando-se da Rachael e excluindo-me completamente. Primo os lábios, cruzo os braços sobre o peito e começo a pontapear a madeira sob os meus pés, enquanto espero que a Rachael se despeça delas.

Este é exatamente o tipo de coisa que acontece sempre que venho passar férias a casa, a Santa Monica. As pessoas aqui já não gostam de mim. Açam que eu sou louca varrida e esquisita. Existem raras exceções, como a minha mãe e a Rachael, mas é tudo. Todos os outros se limitam a condenar, mas eles não conhecem a história completa. Eu acho que o pior foi quando cheguei a casa para o Dia de Ação de Graças no ano passado. Era a primeira vez que vinha a casa desde que havia saído para frequentar a faculdade, em setembro, e a notícia tinha-se espalhado como um incêndio, no escasso espaço de tempo em que estive ausente. Portanto, no Dia de Ação de Graças, todos sabiam. No começo, eu não percebia o que é que estava a acontecer e porque é que, de repente, as coisas estavam diferentes. Não percebi porque é que a Katy Vance, uma rapariga que frequentava algumas aulas comigo, na escola, baixou a cabeça e se virou na direção oposta quando acenei para ela. Não percebi porque é que a empregada que me estava a atender, na mercearia, riu para o colega quando eu ia a sair. Eu não fazia a mínima ideia do motivo por que essas coisas estavam a acontecer, até ao momento em que, quando estava no LAX, no domingo, à espera para embarcar no meu voo de regresso a Chicago, uma rapariga que eu nunca tinha visto na minha vida perguntou calmamente: — Tu é que és aquela que namora com o meio-irmão, certo?

A Rachael não se demora muito tempo a falar. Olha atentamente para mim a cada intervalo de poucos segundos, como se estivesse a tentar avaliar se eu estou bem ou não, e, apesar de eu encolher os ombros despreocupadamente para tentar tranquilizá-la, mostrar-lhe que estou

bem, ela, mesmo assim, põe fim à conversa e diz às raparigas que temos onde estar, embora não seja verdade. É por isso que eu gosto tanto da Rachael.

— Podem ter a certeza de que nunca mais lhes falo — afirma, determinada, enquanto as raparigas se afastam e ela deita o resto do gelado para o lixo e me dá o braço. Voltamos na direção do Pacific Park tão rapidamente que quase vou pelo ar.

— Honestamente, isso já não me incomoda. A sério — tento dizer-lhe. Circulamos por entre a multidão, que, na verdade, agora que estamos no meio dela, não parece tão compacta, e eu deixo-me puxar ao longo do paredão.

— Hã-hã — diz a Rachael, num tom de voz pouco convicto, como se não acreditasse em mim.

Estou prestes a defender o meu ponto de vista com maior convicção, afirmando que *a sério, está bem, estou bem, está tudo bem*, quando a nossa atenção é desviada, antes mesmo de eu abrir a boca. Jake Maxwell, surgido do nada, aparece a correr na nossa direção, deslizando na nossa frente e obrigando-nos a parar bruscamente. Ele é nosso amigo, um amigo ainda mais antigo do que a Meghan, e já falámos com ele esta noite. Isso foi há algumas horas, quando ele ainda estava quase sóbrio. O mesmo não se pode dizer agora.

— Ora cá estão elas! — Agarrando os nossos braços entrelaçados, separa-nos, pega nas nossas mãos e beija desajeitadamente os nossos dedos.

É o primeiro ano em que o Jake vem do Ohio a casa, passar o verão, e, quando nos deparámos com ele há bocado, pela primeira vez em dois anos, fiquei espantada ao descobrir que ele agora usa barba e ele ficou ainda mais espantado quando soube que ainda moro em Santa Monica. Por qualquer motivo, ele supunha que eu tinha regressado a Portland, tipo, para sempre. Mas barba e suposições à parte, ele não mudou. Continua a ser um grande aldrabão e não faz nada para o negar. Quando a Rachael lhe perguntou como estava, ele respondeu que não está muito bem, porque as duas namoradas acabaram recentemente com ele e ele ainda não sabe porquê. Eu quase consigo adivinhar.

— Onde é que tu vais buscar toda essa cerveja? — pergunta a Rachael, franzindo o nariz, enquanto puxa a mão, libertando-a das dele. Ela tem de falar alto para se fazer ouvir sobre o som da música do Pacific Park.

— É do TJ — responde o Jake. E, para o caso de nós não estarmos informadas, revira os olhos por cima do ombro e aponta com o polegar para a distância que fica atrás dele. O TJ tem um condomínio ao longo da praia. Como se eu pudesse alguma vez esquecer. O meu estômago revolve-se ao pensar nisso. — Ele mandou-me vir reunir as tropas. Vocês estão com vontade de uma *after-party*? — Os seus olhos iluminam-se ao pronunciar a palavra e eu acho difícil levar a sério a *T-shirt* sem mangas que ele tem vestida. Tem uma águia. Colocada no topo da bandeira dos EUA. Com «LIBERDADE» escrita em letras maiúsculas aos pés da águia. Parece totalmente ridículo, mas não tão louco quanto a tatuagem temporária de uma águia que ele exhibe orgulhosamente na bochecha esquerda. Começo a interrogar-me se não se deverá o seu estado a algo mais do que apenas cerveja.

— *After-party*? — repete a Rachael. Trocamos olhares e eu percebo de imediato pelo dela que ela está ansiosa para ir.

— Sim, sim — diz o Jake, com a voz transbordando de entusiasmo, enquanto sorri para nós pelo meio da barba. — Há barris e tudo! Vamos lá, é o 4 de Julho. E é fim de semana. Vocês têm de vir. Vai lá estar toda a gente.

Eu franzo a testa. — Toda a gente?

— O TJ e toda a malta, a Meghan e o Jared já estão lá, o Dean vem mais tarde, e acho que o Austin Camer...

— Passo.

O Jake para de falar e o seu sorriso torce-se num esgar de frustração. Ele olha para a Rachael e, por um breve segundo, pareceu-me que apenas revirou os olhos. Quando o seu olhar congestionado se concentra em mim, ele gentilmente agarra-me pelos ombros e sacode-me. — Alôôôôô? — Arregala teatralmente os olhos e finge analisar cada centímetro do meu rosto. — Onde raios se meteu a Eden? Eu sei que não te vi durante uma porrada de tempo, mas com certeza que não foi no espaço de dois anos que conseguiste reunir *todo* esse enfado.

Não me diverte. Sacudo os ombros para me libertar do aperto do Jake e dou um passo para trás.

Porque ele já não é um amigo chegado, nem sequer um amigo, não me parece que lhe deva quaisquer explicações. Então fico calada, a olhar para os meus *Chucks* e à espera que a Rachael venha em meu socorro, como de costume, porque é disso que eu dependo, ultimamente. Dependendo da Rachael para lembrar a toda a gente que eu nunca namorei

com o meu meio-irmão e que nunca o farei. Dependo dela para me tirar de situações em que possa encontrar o Dean. Ainda me envergonho de o enfrentar depois de tudo o que aconteceu e duvido que ele também queira encontrar-se comigo. Ninguém quer encontrar-se frente a frente com a ex-namorada, especialmente se ela o traiu.

Como sempre, ouço a Rachael dizer ao Jake: — Ela não tem de ir se não quiser. — Eu continuo a olhar para os meus sapatos, porque, cada vez que a Rachael vem em meu socorro, eu sinto-me mais fraca e patética do que nunca.

— Tu não podes passar o resto da vida a evitá-lo — murmura o Jake. De repente, ele soa solene e, quando olho para cima, percebo que é absolutamente óbvio para ele que a razão pela qual eu não quero ir a essa festa é o Dean. Não posso negar, então limito-me a encolher os ombros e esfrego a têmpora. Há uma segunda razão, é claro. É a mesma razão por que o meu estômago se contraiu. Eu só fui ao TJ uma vez, e isso foi há três anos. Estive lá com o meu meio-irmão. Esta noite, mais do que em qualquer outra, não quero realmente voltar lá.

— Vai tu — digo à Rachael, após um momento de silêncio. Vejo bem como ela quer desesperadamente ir a essa festa, mas sei que provavelmente irá recusar o convite só para não me deixar sozinha. Isso é o que fazem as melhores amigas. Mas as melhores amigas também fazem concessões, e a Rachael já passou a noite certificando-se de que eu estava bem neste dia terrível, portanto, eu quero realmente que ela se vá divertir um pouco. Para mais, este ano o 4 de Julho calhou a uma sexta-feira, o que leva as pessoas a tirarem daí o maior proveito. A Rachael também devia aproveitar. — Eu vou à procura da Ella, ou coisa assim.

— Mas eu não me importo.

Até eu consigo ver que ela está a mentir. — Rachael — digo com firmeza. Aponto para o condomínio do TJ, ao longe. — Vai.

Apreensiva, ela aperta o lábio inferior entre os dedos e hesita durante uns segundos. Esta noite, ela praticamente não está a usar maquilhagem — aliás, é raro usar mais do que isto —, portanto, mal parece ter dezasseis anos, muito menos vinte.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

— Então vamos lá! — O Jake explode, com o seu sorriso arrogante de volta ao seu rosto tatuado, enquanto agarra a mão da Rachael e a puxa para ele. — Temos uma festa à nossa espera! — E começa a levar

a minha melhor amiga, arrastando-a pelo paredão e para longe do cais. Ela consegue despedir-se um pouco antes de desaparecerem na multidão.

Depois de eles irem, verifico as horas no meu telemóvel. Passam poucos minutos das nove e meia da noite. Os fogos de artifício de Marina del Rey e Pacific Palisades estão a acabar agora, pelo que há muitas pessoas que começam a preparar-se para regressar a casa. Selecciono nos contactos o número da Ella e começo a ligar. Infelizmente, a minha mãe e o namorado dela, o Jack, estão a trabalhar esta noite, portanto só o meu pai e a minha madrastra é que estão aqui no cais para celebrar o 4 de Julho. Eles são a minha única boleia para casa, portanto, o que me resta fazer é apanhá-los antes de se irem embora. Mas o que é ainda mais lamentável é que calha ao meu pai ficar comigo durante esta semana. Essa é a pior parte de ter pais divorciados: andares de um lado para o outro, de casa para casa, sujeita a hábitos diferentes. Eu odeio ficar em casa do meu pai e ele detesta ainda mais ter-me lá, principalmente porque só consegue ser insuportavelmente tenso e desajeitado. Tal como o Jamie, o meu pai só fala comigo se for absolutamente necessário.

O telefone da Ella está ocupado, por isso a chamada vai diretamente para o correio de voz. Não deixo mensagem e desligo o mais rapidamente possível. Temo a ideia de ter de ligar para o meu pai. Percorro a lista dos contactos, selecciono o número dele e ligo. Começa a tocar e sinto que toda a minha expressão se torna crispada enquanto espero que a sua voz grosseira responda.

No entanto, enquanto estou de pé no paredão, com pessoas ao meu redor e com o telemóvel encostado ao ouvido, algo chama a minha atenção. É o meu meio-irmão mais novo, o Chase, no Restaurante Bubba Gump, aparentemente à espera e está sozinho, quando não deveria estar. Apesar disso, não parece muito preocupado, mas, basicamente, chateado, caminhando lentamente para a frente e para trás.

Desligo o telefonema para o meu pai e vou em direção ao Chase. Ele vê-me quando me aproximo e instantaneamente para de andar e parece ficar envergonhado.

— Onde estão os teus amigos? — pergunto, ao chegar ao pé dele, olhando em volta, à procura de um grupo de putos à beira de serem caloiros, mas não consigo vê-los.

O Chase enrola uma melena grossa do seu cabelo loiro em volta do dedo indicador. — Apanharam o autocarro para Venice, mas eu não fui porque...